

NOSSA AGECEF

O Jornal da Associação dos Gestores da Caixa - Bahia

Nº 71 - JULHO 2020



PRESIDENTE: CARLOS ALBERTO AFONSO COSTA

No limite

Ansiedade, estresse, fadiga, depressão.

O modelo de gestão adotado pela Caixa durante a pandemia do novo coronavírus deixa os empregados do banco sobrecarregados e exaustos. Todos estão no limite. O caminho é perigoso e compromete a saúde física e mental.

Página 4

Campanha salarial

Para garantir os direitos

O Comando Nacional dos Bancários e a Fenaban (Federação Nacional dos Bancos) se preparam para as negociações da campanha salarial. A primeira rodada acontece no dia 31 de julho. Embora as conversas estejam definidas, um fato chama a atenção dos empregados da Caixa. Pela primeira vez desde a instalação da mesa unificada, a direção da empresa ficou de fora da entrega da pauta de reivindicações. Resta saber se vai também se negar a participar das reuniões.

Sem explicar o porquê da ausência, apenas solicitou que toda a documentação – pauta geral e pauta específica – fosse encaminhada via e-mail. A atual Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) tem validade até o dia 31 de agosto, já que a data-base da categoria é 1º de setembro. A expectativa é fechar um acordo até lá.

No entanto, os bancos públicos têm endurecido das discussões, não respeitam a mesa específica e tomam medidas sem diálogo com as entidades representativas dos trabalhadores. A Caixa, por exemplo, convocou os trabalhadores para voltar ao trabalho presencial nas centralizadoras, filiais e representações, deixando de cumprir com o Protocolo de Intenções assinado em conjunto com a Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro, o Ministério Público do Trabalho (MPT), o Ministério Público



**NA
LUTA
COM
VOCÊ**

GARANTIR E PROTEGER

Federal (MPF), além de ampliar o cansaço e adoecimento dos empregados com jornadas exaustivas. Um comportamento que liga o sinal de alerta entre os empregados. O cenário aponta para um processo negocial duro, que vai exigir muito dos bancários.

Home Office e assédio moral

O trabalho remoto, uma das medidas adotadas pelos bancos para combater a disseminação do novo coronavírus, ampliou as cobranças, metas e o assédio moral. Milhares de bancários trabalham nos finais de semana e feriados. As cobranças também não têm hora para chegar. Não importa se está dentro da jornada de trabalho. Na Caixa não é diferente.

Uma pesquisa sobre o home office, realizada pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), revela que 35,6% dos bancários estão trabalhando além da jornada. Desse universo, 26% não estão recebendo hora extra e não participam do banco de horas.

Do total dos bancários que estão em

teletrabalho, 36% afirmam ser mais difícil o cumprimento de metas e a comunicação com outras áreas. Não para por aí. Segundo o levantamento, as cobranças e demandas de atividades a serem exercidas chegam a qualquer hora do dia, através de e-mails, mensagens em aplicativos e ligações.

Os impactos na saúde são muitos e, às vezes, devastadores. Os bancários estão mais ansiosos, estressados, cansados, desanimados.



Na Caixa

Ampliar a mobilização em defesa da Caixa 100% pública, a luta contra a retirada de direitos e em defesa do Saúde Caixa, da FUNCEF. Estas são as principais reivindicações dos empregados do banco. As definições foram tomadas durante o CONECEF, realizado pela primeira vez por meio de videoconferência, em decorrência da pandemia causada pelo novo coronavírus.

Outras prioridades devem ser tratadas na mesa unificada, junto à Fenaban (Federação Nacional dos Bancos). A renovação da Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) com todos os direitos atuais, aumento real de 5% e melhorias nas condições de trabalho, com questões específicas sobre a Covid-19 estão na pauta.

Diante do cenário nacional difícil, o grande desafio dos bancários é construir uma estratégia comum, com novas formas de comunicação, valores como solidariedade, tolerância, transparência e autorresponsabilidade.

AGECEF

Mesma essência, novos desafios

A nova diretoria da AGECEF Bahia mantém a essência de atuação pelo bem estar dos gestores e em defesa da Caixa 100% pública e vai atrás de novas conquistas, ciente das dificuldades do caminho, mas sem deixar a bola cair



Apesar dos grandes desafios que tem, onde os direitos dos trabalhadores têm sido frontalmente atacados, a diretoria da AGECEF-BA (Associação dos Gestores da Caixa), foi empossada na noite do último dia 14, com bastante alegria. A solenidade, bastante participativa, aconteceu por meio de videoconferência em decorrência da pandemia causada pelo coronavírus.

Os participantes puderam ouvir de cada pessoa que fez o uso da palavra o reconhecimento do trabalho feito pelo ex-presidente Antônio Messias Rios Bastos, que passou o bastão para Carlos Alberto Afonso Costa. O passado e o presente se misturam. Mas a prioridade não muda. A defesa dos gestores e da Caixa.

"Neste momento, quero destacar o papel da Caixa e da AGECEF. Eu acredito no banco que cuida do povo e dos seus empregados. Na empresa voltada para resultado, mas com respeito as pessoas. Continuo nessa luta, independentemente do governo", afirmou Messias, agora vice-presidente.

Em sua primeira fala como presidente, Carlos Alberto Afonso Costa agradeceu a confiança que os associados depositaram nele e ratificou o compromisso em atuar de forma democrática e transparente, mantendo o diálogo e a parceria construída com todas as entidades representativas dos empregados da Caixa e com a direção da empresa. Destacou a importância em continuar o trabalho em defesa do

banco 100% público e, citando Guimarães Rosa, lembrou que a "vida é mutirão de todos e o que ela quer da gente é coragem".

Entre os convidados, a certeza de que os desafios para os próximos dois anos serão muitos. O Superintendente Regional do Nordeste, João Dácia, destacou o cuidado da AGECEF na formação de líderes, oferecendo cursos de treinamento e capacitação.

O presidente licenciado do Sindicato dos Bancários da Bahia, Augusto Vasconcelos, ressaltou o trabalho de fortalecimento da AGECEF, feito pelo ex-presidente Antônio Messias e a aproximação das entidades sindicais. "A integração entre as AGECEF's e os sindicatos é fundamental. Devemos caminhar juntos".

Reconhecimento de todos

Importantes lideranças fizeram questão de destacar a atuação da AGECEF-BA e os desafios que se apresentam. Confira.

“Proteger a vida, o emprego, os direitos e o patrimônio público são desafios para todos os bancários. Estamos certos de que a AGECEF fará esse caminho junto com todos nós.” - **Hermelino Neto, presidente da Federação dos Bancários da Bahia e Sergipe**

“Hoje nós vivemos tendo de lidar com muitos ataques à Caixa, seja através da mídia, dizendo que nada funciona, seja por meio do próprio governo federal. O momento é de união de forças”. - **John Ralph Goodwin, presidente da APCEF/BA**

“É importante ter nesse momento a união de todos em defesa da democracia, dos direitos sociais, particularmente em defesa da Caixa 100% pública”. - **Doutor Fábio Nova, Escritório de Advocacia Nóvoa, Braga e Ramos (contratado pela AGECEF)**.

“O trabalho da AGECEF junto à FENAG é muito importante. Nenhuma instituição cumpre com tanta amplitude o papel que a Caixa cumpre e o gestor tem um desafio grande. Temos de continuar investindo no gestor, sem deixar de cuidar da equipe. Ter empatia, maturidade para conduzir e estarmos juntos”. - **Ismael Boaventura, Superintendência de Rede Norte e Sul**

“O cuidado com as pessoas. Isso é nítido na AGECEF. Foi marca da gestão passada que será dada continuidade”. - **Ilder Bruno, Superintendência de Rede Salvador**

Na pressão

Relatos do dia a dia de sobrecarga e assédio na Caixa

Com quase 2,5 milhões de pessoas contaminadas pelo coronavírus no país e cerca de 90 mil mortes, a situação dos empregados da Caixa está cada vez mais crítica. De casa ou nas agências, os bancários trabalham sobrecarregados, sob forte estresse e cobrança. Para os gerentes, o cenário é ainda mais alarmante. As metas em plena pandemia, o assédio moral e a jornada que ultrapassa 12 horas facilmente comprometem a saúde física e mental. Para completar, os que estão nas unidades têm grande exposição à Covid-19.

Com milhões de pessoas indo

para o banco, o caos é inevitável. Há também a carga emocional. São muitos os relatos de empregados extremamente exaustos, que após um dia de trabalho choram por conta da alta cobrança e recorrem a medicamentos controlados em busca de um "falso relaxamento".



Os bancários que atuam na linha de frente, antes de abrir as unidades, às 8h, precisam demarcar o chão, organizar as filas, distribuir senhas, tirar fotos e enviar para a SEV. Se falta EPI, o gerente geral precisa se virar e providenciar. Paralelamente, são cobrados via *WhatsApp* para realizarem bem a gestão. Fora as reuniões depois de um longo dia de trabalho.

A rotina não é mais fácil para quem está em *home office*. Há dificuldade de se desligar do trabalho, até porque a empre-

sa não deixa. As atividades começam bem cedo, muito antes do horário habitual e não têm hora para acabar. A pressão pelas respostas instantâneas é absurda e muitos têm de ficar *online*, à disposição por mais de 12 horas. A sensação é de estar sendo vigiado 24 horas por dia.

Todo estresse e fadiga que os empregados são submetidos durante a pandemia, seja nas agências ou no *home office*, muitas vezes faz com que cheguem ao grau máximo da exaustão. Um perigo.



EFEITO DOMINÓ

“A SEV cobra metas por meio de *lives* e mensagens diárias no *WhatsApp* e o gerente geral repassa essa cobrança. A impressão que eu tenho é que não estamos pagando auxílio emergencial e nem estamos em um período de pandemia. A cobrança agora é com relação as horas extras, o que é controverso. Se a gente tem de atender a demanda do auxílio emergencial e continuar dando resultado no comercial com quantidade limitada de empregados, como vamos ficar sem fazer horas extras? Também há uma divergência entre o discurso do superintendente de varejo e a ação da equipe dele. O SEV cobra celeridade e diligência, mas a equipe (sobrecarregada) não consegue dar a devida vazão às demandas que lhe são encaminhadas e dependem de aprovação.”



CONTROLE 24 HORAS

“Começamos a receber e-mail ainda cedo. Se eu logar 6h tenho serviço, se logar 21h tenho serviço. A quantidade de tarefas simultâneas é surreal. Temos de fazer todas as atividades laborais, correr atrás das metas e ainda ficar com o *WhatsApp* Caixa aberto de 10h às 16h para receber os pedidos dos clientes. Além disso, recebemos e-mail dos clientes para resolver pendências. Atendemos demandas dos correspondentes, de corretor e da agência. É surreal, porque quem está em *home office* ainda tem um porém: como não batemos ponto, ficamos à disposição da empresa praticamente 24 horas. Tem horas que é tanta coisa que cobram que trabalho até 20h/21h. Muita cobrança de metas e total controle sobre a gente.”



TRAGÉDIA DIÁRIA

“Já dizia um antigo professor meu: "Se você chega no trabalho já pensando na hora de sair, se você começa a semana torcendo para que chegue a sexta-feira e se você não para de pensar nas férias é sinal de que tem algo muito errado no trabalho". É assim que estou durante a pandemia. O gerente geral tem de chegar cedo nas unidades para realizar recepção qualificada, distribuir senhas, tirar fotos, pelo menos três vezes no dia e enviar para a SEV, preencher 1001 formulários, verificar e trocar todos os dias o Caixa Informa... isso só para começar o dia e sem tirar qualquer uma das atribuições que sempre teve, como fazer gestão de pessoas, gerir as atividades para o atendimento às demandas por vários calendários de diversos auxílios e benefícios. Tudo isso ainda tendo de responder às metas que, insensivelmente, retornaram um junho para cumprimento em plena pandemia. É surreal. Temos de trabalhar desde cedo (antes das 8h) até muitas vezes às 20h em jornadas extenuantes.

E todo dia tem vídeo reunião, todo dia tem aperto, e quase sempre o discurso usa tom ameaçador. Onde iremos parar com tanta falta de sensibilidade sendo reproduzida? E ainda tem os canais parceiros...os gerentes gerais acumularam as atribuições dos antigos gerentes de canais e sem perder qualquer atribuição, ou seja, são dois profissionais pelo preço de um. Por isso, não há mais satisfação, não há paz e ainda temos de ter entusiasmo e inspirar motivação na equipe. O que vivemos é uma verdadeira tragédia diária, infelizmente.”